Lição 12: Aqueles que negam que a natureza aja em vista de um fim

Bekker: 198 b 10-33

> *O ARGUMENTO DAQUELES QUE NEGAM QUE A NATUREZA AJA EM VISTA DE UM FIM*

250. Tendo mostrado que a filosofia natural demonstra a partir de todas as causas, o Filósofo aqui esclarece certas coisas que ele havia assumido, a saber, que a natureza age em vista de um fim e que, em algumas coisas, a necessidade não provém das causas que são anteriores no ser (que são a matéria e a causa motriz), mas das causas posteriores, que são a forma e o fim.

Sobre isso, ele faz duas observações. Primeiro, expõe sua intenção e, em segundo lugar, onde diz: "Apresenta-se uma dificuldade..." (198 b 17 #251), desenvolve sua posição.

Diz, portanto, primeiro que é preciso apontar que a natureza está entre o número de causas que agem em vista de algo. E isso é importante com referência ao problema da providência. Pois as coisas que não conhecem o fim não tendem para o fim a menos que sejam dirigidas por alguém que conhece, assim como a flecha é dirigida pelo arqueiro. Portanto, se a natureza age em vista de um fim, é necessário que ela seja ordenada por alguém que é inteligente. Esta é a obra da providência.

Depois disso, é preciso apontar como a necessidade está presente nas coisas naturais. A necessidade das coisas naturais é sempre proveniente da matéria, ou às vezes da matéria e do motor, ou às vezes da forma e do fim.

É necessário fazer esta investigação pela seguinte razão. Todos os antigos filósofos naturais, ao dar a razão [*ratio*] para os efeitos naturais, reduziam tais efeitos a esta causa, i.e., que é necessário que essas coisas aconteçam por causa da matéria. Por exemplo, uma vez que o calor é por natureza o que é e produz naturalmente um certo efeito (e da mesma forma o frio e outras coisas similares), então aquelas coisas que são causadas por eles devem vir a ser ou existir. E se alguns dos antigos filósofos naturais tocaram em alguma causa diferente da necessidade da matéria, eles não têm razão para se vangloriar disso. Pois, após tais causas serem postuladas por

eles, e.g., o intelecto que Anaxágoras postulou, e a amizade e a discórdia que Empédocles postulou, eles não as usaram exceto em certos casos gerais, como na constituição do mundo. Mas omitiram tais causas ao discutir efeitos particulares.

251. Em seguida, onde ele diz: "Apresenta-se uma dificuldade..." (198 b 17), ele desenvolve sua posição.

Primeiro, ele pergunta se a natureza age em vista de algo e, em segundo lugar, onde diz: "Quanto ao que é 'por necessidade'..." (199 b 34; L15 #269ff), como a necessidade se encontra nas coisas naturais.

Sobre a primeira parte, ele faz duas observações. Primeiro, apresenta a opinião e o argumento daqueles que sustentam que a natureza não age em vista de algo. Em segundo lugar, refuta esta posição, onde diz: "No entanto, é impossível..." (198 b 34; L13 #255ff).

252. Sobre o primeiro ponto, é preciso notar que aqueles que sustentavam que a natureza não age em vista de algo tentaram confirmar sua posição negando aquilo em que a natureza é mais claramente vista agindo em vista de algo. O que demonstra mais fortemente que a natureza age em vista de algo é o fato de que, na operação da natureza, uma coisa sempre se encontra vindo a ser tão bom e tão adequado quanto possível. Assim, o pé é feito de certa maneira pela natureza para que seja adequado para andar. Portanto, se ele falha nesta disposição natural, não é apto para este uso. E o mesmo é verdadeiro para outros exemplos.

E visto que eles tentaram especialmente se opor a este ponto, Aristóteles diz que se pode objetar que não há nada que impeça a natureza de não agir em vista de algo nem de fazer o que é sempre melhor. Pois às vezes encontramos que de alguma operação da natureza resulta alguma utilidade que, no entanto, não é o fim daquela operação natural, mas meramente acontece de ocorrer. Assim, poderíamos dizer que Júpiter faz chover, i.e., Deus ou a natureza universal, mas não com o propósito de que o grão cresça. Antes, a chuva resulta da necessidade da matéria. Pois é necessário que, nas regiões inferiores, por causa da proximidade do calor do sol, vapores sejam extraídos da água. Tendo sido levados para cima por causa do calor, quando chegam ao ponto onde o calor falta por causa da distância do lugar onde os raios do sol são refletidos, é necessário que a água vaporizada que está subindo congele nesse mesmo ponto. Quando o congelamento está completo, os vapores são transformados em água. E quando a água foi gerada, deve cair por causa de seu peso. E quando isso acontece, ocorre que o grão cresce. Ora, não chove para que o grão cresça. Pois da mesma forma, o grão poderia ser destruído em algum lugar por causa da chuva, como quando o grão é recolhido numa eira. Assim, a chuva não cai para destruir o grão; antes, isso acontece por acaso quando a chuva cai.

E da mesma forma parece acontecer por acaso que o grão cresça acidentalmente quando a chuva cai.

Portanto, parece que nada impede que isso também seja verdadeiro em relação aos animais, que parecem ser dispostos em vista de algum fim. Por exemplo, poder-se-ia dizer que, por causa da necessidade da matéria, alguns dentes, i.e., os dentes da frente, acontecem ser afiados e adequados para cortar alimentos, e os molares acontecem ser largos e úteis para triturar

alimentos. No entanto, a natureza não fez os dentes tais e assim em vista destas utilidades. Antes, depois que os dentes foram feitos pela natureza de tal maneira que se desenvolvem a partir da necessidade da matéria, é acidental que eles tenham adquirido tal forma. E uma vez que esta forma existe, esta utilidade se segue. E o mesmo pode ser dito de todas as outras partes que parecem ter alguma forma determinada em vista de algum fim.

253. Mas alguém poderia dizer que tais utilidades seguem sempre ou na maioria dos casos, e o que é sempre ou na maioria dos casos adequado existe por natureza. Para antecipar essa objeção, eles dizem que, desde o início da formação do mundo, os quatro elementos foram unidos na constituição das coisas naturais, e assim foram produzidas as muitas e variadas disposições das coisas naturais. E em todas essas coisas, apenas aquilo que por acaso era adequado para alguma utilidade, como se tivesse sido feito para essa utilidade, foi preservado. Pois tais coisas tinham uma disposição que as tornava adequadas para serem preservadas, não por causa de algum agente que intencionasse um fim, mas por causa daquilo que é *per se* vão, isto é, por acaso. Por outro lado, o que não tinha tal disposição era destruído, e é destruído diariamente. Assim, Empédocles disse que, no início, foram geradas coisas que eram parte boi e parte homem.

254. Portanto, por causa desse argumento, ou por algum outro argumento semelhante, alguns terão dificuldade nesse ponto.

Mas, em relação a esse argumento, deve-se notar que eles usam um exemplo inadequado. Pois, embora a chuva tenha uma causa necessária em relação à matéria, ela é, no entanto, ordenada a algum fim, a saber, a conservação das coisas geráveis e corruptíveis. Pois, nas coisas inferiores, a geração e a corrupção mútuas existem para este propósito: que a existência perpétua seja preservada nelas. Daí que o crescimento do grão seja mal tomado como exemplo. Pois uma causa universal é referida a um efeito particular.

E também deve ser notado que o crescimento e a conservação das coisas que crescem na terra ocorrem na maioria dos casos por causa da chuva, enquanto sua corrupção ocorre em poucos casos. Portanto, embora a chuva não seja para sua destruição, não se segue que ela não seja para sua preservação e crescimento.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:47:02 by Admin
Updated 1 October 2026 23:38:38 by Admin